

NEM TUDO É ARTE, NEM TODOS SÃO ARTISTAS

Por Luiz Guerra Fortes



Uma visão crítica da arte, por quem rejeita as vigilâncias estéticas e se encantou com as técnicas nobres e seculares, como afresco, iconografia, vitrais, encáustica. Segredos profissionais, o mito do artista recluso e ermitão. Os estelionatários das artes, que se aproveitam da ignorância, subvertem conceitos, mas ganham verbas oficiais

O artista brasileiro Sérgio Prata foi definido por Jean-Roch Sauer, presidente das indústrias Sennelier e Raphael, da Bretanha, como "un puit de connaissances", e por Eugênio Mussak, especialista em inteligência organizacional, como um dos artistas mais completos do Brasil. Nascido em 1963, Sérgio Prata Garcia começou nas artes ainda menino, desenhando e participando dos concursos de esculturas

em areia promovidos nas praias paulistas. Recebeu o Prêmio Nacional Air France de esculturas em areia em 1981, aos 17 anos, logo após ingressar na Escola de Comunicações e Artes da USP. Aproveitando o prêmio de viagem a Paris, preparou-se para os exames de admissão e foi aceito em duas escolas superiores de arte na capital francesa, optando por seguir formação na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts

de Paris, onde estudaram Delacroix, David e Renoir, entre outros grandes artistas.

Estudou por 5 anos na capital francesa, seguindo cursos de análise de obras no Louvre, especializando-se em técnicas de pintura com o internacionalmente reputado mestre Abraham Pincas, e em afrescos com Bernard Delamarche. Na França, pintou e expôs, obtendo respeito entre artistas e professores. Foi orientado por artistas

renomados, como Alechinsky e Cesar.

Em 1986, de volta ao Brasil, executou retratos, afrescos, gravuras, painéis em cerâmica, editou livros, CD-Rom, DVD, cursos on-line, e lança, ainda neste mês, uma segunda edição de seu livro "Técnicas de Pintura", ampliada.

Prata foi editado em catálogos de arte do Brasil, Canadá e Itália, e vem fazendo uma pesquisa em técnicas de pintura que o levou a 15 países.

Subindo escarpas, chegou aos mosteiros no Monte Athos, Grécia, em 2008, para encontrar monges iconógrafos, viajando para visitar artistas e vitralistas na França, pesquisando galerias e museus, Prata descobriu e inventou novas técnicas, premiadas na Bienal do México e, ao contrário dos adeptos do "segredo profissional", partilha com o público e estudantes. Averso aos modismos e vigilâncias estéticas impostos por algumas vertentes da arte contemporânea, não compactua com a ideia de que "tudo é arte e todos são artistas".

Sérgio Prata, artista plástico e sacro, nome internacional, presenteou os delegados federais e o público da revista Artigo 5.0 com a entrevista a seguir.

Se nas Artes Plásticas "qualquer coisa" pode ser considerada arte, na música, no cinema, no teatro, na gastronomia e na perfumaria, isto não acontece. Barulho não é música, o que fede não é perfume... Mas alguns pretendem que, nas artes plásticas, o feio possa ser considerado arte

■ **Artigo 5.º: Sérgio, ao ler seu currículo e observar o quanto você já pintou, fica uma questão. Para você, ainda resta o que fazer em arte, ou tudo já foi feito?**

Sérgio Prata: Em arte, sempre existe espaço para renovação. Para criar o novo, basta ser criativo. Para que isso seja feito com conhecimento de causa, creio que devemos aprender sobre o que já foi feito e como foi feito. Ao estudarmos arte, um amplo mundo se revela. Aprendemos muito sobre a História da Arte e, ao mergulharmos nos procedimentos de execução empregados pelos artistas, percebemos que um vasto mundo de conhecimentos interdisciplinares está contido na arte. Aprendemos sobre física, química, composição, anatomia, elementos de arquitetura... a arte é um terreno muito amplo, muito rico. Essa constante renovação nos abre um amplo leque de ação, em arte.

■ **Artigo 5.º: A impressão que se tem é de que tudo agora virou arte, é isso?**

Sérgio Prata: Já visitei muitas exposições em muitos países, fui orientado por renomados professores e artistas, na Ensb-A de Paris, como Pincas, César, Pierre Alechinsky, Bernard Delamarche e Pierre Caron, entre muitos mestres. Encontrei e conversei com outros tantos artistas, como Poty Lazzarotto, Burle Marx, Jorge Amado, Sebastião Salgado. Quando era estudante, na década de 80, vivia no Centro de Arte Contemporânea, o Beaubourg, em Paris. Estava no centro do mundo, das atualidades, da experimentação. Ao relembrar tudo o que vi, admito que vi excessos, distorções, desrespeito à inteligência do público. Se nas Artes Plásticas "qualquer coisa" pode ser considerada arte, na música, no cinema, no teatro, na gastronomia e na perfumaria, isto não acontece. Barulho não é música, o que fede não é perfume... Mas alguns pretendem que, nas artes plásticas, o feio possa ser considerado arte. Nós artistas, por vezes, somos irritantemente criativos. Mas daí a perder o respeito pelo público, é uma outra história. Eu me dedico ao tipo de arte que colabora para elevar o espírito, propondo uma solução de poesia, com brasilidade. Adoro as técnicas mais nobres, seculares, como o afresco, a iconografia, os vitrais, a encáustica. Fui seduzido por elas em 1981, quando completei 18 anos de idade em ▶



Sérgio Prata pintando a ábside da Catedral de Sorocaba

Atenas. Mas, hoje em dia, poucos artistas manipulam seus próprios materiais como o que era feito até o final do século 19. Os estudantes saem de uma faculdade sem saber sequer preparar uma tinta, manipular os materiais e as técnicas que deveriam herdar dos séculos de história.

■ **Artigo 5.º: Nem tudo é arte, e você fala de excessos. O que se pode chamar de excesso diante de conceitos tão elásticos?**

Sérgio Prata: Em arte contemporânea, excesso é aquilo que desrespeita a inteligência, fruto da grande permissividade, um modismo temporal, reflexo de libertinagem. Uma pessoa com transtornos pega um terço e desenha com ele um pênis, e a tal “obra de arte” (?) é exposta em um centro cultural importante, de um banco estatal. Um exibicionista faz fotocópias de suas nádegas e expõe em plena galeria da Avenida Paulista, ou se coloca nu em uma Bienal. Um nu, na arte, não pode ser encarado como atentado ao pudor. A disparidade é que não é o nu de um modelo que posa para um artista. Mas de um “artista” (?) que está nu, como se ele mesmo ou sua performance fossem uma obra de arte. Um “artista” deixa um cachorro vira-lata passando fome em uma galeria. Não compactuo com estas condutas e, por detrás destas ações, existem conluio, guetos cujos interesses são mais fortes. Em alguns casos, há crime travestido em arte, como o que ocorreu em um caso recente, quando um banqueiro usou a arte como um elemento de elegância e fogo de artifício para disfarçar suas falcatruas.

■ **Artigo 5.º: Não fica estranho um artista, quicá arrogante, por melhor que ele seja, tentar dizer o que é ou não é arte?**

Sérgio Prata: Sem dúvida, pode parecer arrogante, pois quem vai dizer o que é realmente arte será a fina peneira do tempo. Mas, como eu estudo esta questão há 30 anos, acho que posso me manifestar democraticamente, refletir criticamente sobre o assunto, como já fazem os melhores críticos de arte do Brasil, Affonso Romano de Sant’Anna e Ferreira Gullar, cujas opiniões endosso.

Minha constatação é de que muita gente sem uma real capacitação profissional, sem um ofício em mãos, opta pela facilidade e tenta travestir e designar tudo e qualquer



“Deisis contemporâneo”, arte sacra do altar da Igreja N. Sra. do Amor, UNIVAP de São José dos Campos

coisa como sendo arte. Quase ninguém tem a coragem de declarar que isso é uma espécie de charlatanismo. É fácil simular arte e enganar, neste setor, pois, infelizmente, como já disse Nelson Rodrigues, “o brasileiro é um analfabeto plástico”. Sempre que o Brasil precisou de arte, importou uma missão, francesa, holandesa... a formação em Belas Artes chegou a ser razoável em nosso País, que já teve professores de qualidade. Mas a preguiça dos “artistas” contemporâneos, a opção pela facilidade proposta pelas fórmulas dos “ready-mades” e “objets trouvés” criam uma polarização, não somente em relação aos poucos artistas com formação que têm a coragem

de resistir, mas também com um grande público, que deseja ver arte de qualidade, e não se contenta com o faz de conta. Existe gente que expõe fezes, pornografia, restos de pneu estourado, xerox do fiofó, ratazana no formol e diz que isto é arte. Paranaenses, em tom de *blague*, resolveram mandar restos de frango para um salão. Foram aceitos e premiados. Aproveitando-se da falta de conhecimentos que impera no mercado de arte, oportunistas se uniram e se esbaldam em verbas públicas, simulando arte, sem propor uma real cultura. Esta crise de conhecimentos, educação e saber seria cômica, se não fosse trágica.

■ **Artigo 5.º: O artista nasce artista ou é possível criar artistas, qual a contribuição do estudar arte?**

Sérgio Prata: Acho que todos aqueles que insistem em estudar, pesquisar, propor obras resistentes ao tempo e manter temas com engajamento social são de alguma forma resistentes. Carlos Scliar me chamava de “teimoso”, pois, incentivado por Burtel Marx, executei grandes afrescos na técnica Renascentista, com pigmentos sobre intonaco úmido, em Curitiba, empregando a mesma técnica usada por Michelangelo, Giotto e Masaccio. Essa é minha especialidade. Meu ateliê é o único a ensinar a técnica Renascentista, rara no Brasil. As escolas de Belas Artes deixaram de cumprir sua função de informação e capacitação técnica dos ofícios de arte. Esta geração perdeu muita herança cultural. Passaram uma máquina que arrasou o conhecimento na Arte. No Brasil, não existe uma escola que forme novos profissionais em vitralismo secular, por exemplo, nas técnicas de pintura antigas. Desde o fechamento da Casa Conrado, poucos vitralistas detêm realmente o conhecimento de pintura dos

Aproveitando-se da falta de conhecimentos que impera no mercado de arte, oportunistas se uniram e se esbaldam em verbas públicas, simulando arte, sem propor uma real cultura. Esta crise de conhecimentos, educação e saber seria cômica, se não fosse trágica

antepassados. E muitos, menos ainda, ensinam essa técnica. A palavra gueto é uma corruptela da palavra italiana “getto”, do jato de ar soprado nas bolhas de vidro pelos artesãos de Murano, na Itália. A turma do “getto” era impedida de se relacionar com os demais. Jogavam futebol entre eles. Insistir em pesquisar, partilhar e trabalhar com conhecimentos em arte, em um período em que tanta mediocridade e facilidade imperam na mídia e nos eventos, é sim, no meu entender, uma forma de resistência.

■ **Artigo 5.º: Existe um panorama de retomada da qualidade e dos conhecimentos que se esboça nas artes plásticas?**

Sérgio Prata: Acho que sim. Eu percebo que a maioria dos estudantes deseja realmente aprender, busca capacitação real, prática. Quanto mais estudamos arte, mais entendemos que, em todos os períodos da História, temos uma herança a captar. Creio que os artistas brasileiros não deveriam se deixar levar pelo engodo teórico e hermético proposto por Duchamps e Beyus. Acho de uma ingenuidade acreditar que, para se fazer o novo, é necessário destruir o que já foi feito. Isso é ignorância “deguisé” em iconoclasmo. É necessário que os novos artistas se convertam à beleza e ao saber fazer técnico, herdando a rica cultura que nos propõem os séculos de arte. Para mim, nem tudo é arte, nem todos são artistas.

■ **Artigo 5.º: E como você faz para se concentrar?**

Sérgio Prata: Cada pessoa e artista acha uma maneira de se concentrar. Eu optei pela vida do campo, meu ateliê fica em minha chácara. Nesse local, onde me isolo, eu consigo me dedicar à autoria de livros, aos cursos on-line, aos projetos e à pintura de obras. Por vezes, coloco uma música que aprecio, a fim de me deixar levar pelo ritmo e sonoridade. Existe tanta música boa para quem tem bom gosto. Sou exigente com isso. Se a música não for boa, prefiro o silêncio. O silêncio e a paz são os companheiros que procuro, para ver nascer obras que vêm do interior, de uma percepção poética do mundo.

■ **Artigo 5.º: Isso não concorre para o mito do artista isolado, incompreendido, temperamental, antissocial?**



Pintura trifásica, visível sob luz ultravioleta, uma invenção do artista premiada na Bienal do México

Vejo com bons olhos a colaboração entre a arte e os setores responsáveis pela manutenção da ordem. Sou contra as irreverências artísticas que se traduzem em desrespeito à fé, ao sagrado, e que fazem apologia ao crime, mesmo que de forma velada



Detalhe do afresco de Santa Felicidade, Curitiba. Sérgio Prata é atualmente o único afresquista em técnica renascentista em atividade no Brasil

Sérgio Prata: Algumas pessoas têm receio de lidar com alguns artistas e, inclusive, comigo. É normal. Somos uma fauna!!! Muitos acham que somos diferentes dos demais. A verdade é que não somos. Muitos artistas sofrem com os efeitos colaterais da intoxicação pelos materiais, o que aumenta o mito e o estigma do artista sintomático, isolado e incompreendido. Somos simples seres humanos, afetados pelas mesmas coisas que o cidadão comum, porém, desenvolvemos talentos diferentes. Acho que um bom artista deve ser como um bom médico; não pode parar de estudar nunca e tem de ter paixão, curiosidade, humildade diante da ciência com a qual flerta, na qual mergulha. Alguns artistas estão atentos ao mundo, observam com percepção, sensibilidade e com um olhar crítico tudo o que acontece, tentando propor uma solução artística. Não optam pela alienação e a facilidade, e buscam a verdadeira descoberta, a criação.

■ **Artigo 5.º: Agora, a perguntinha de sempre dos federais que sempre quer saber a visão cidadã do artista e...**

Sérgio Prata: Acho que, com arte e cultura reais, aquelas que realmente ampliam o conhecimento, a sensibilidade e a percepção do mundo, e não com a frivolidade fantasiada de cultura, podemos colaborar para a evolução das pessoas e da sociedade. Vejo com bons olhos a colaboração entre a arte e os setores responsáveis pela manutenção da ordem. Sou contra as irreverências artísticas que se traduzem em desrespeito à fé, ao sagrado, e que fazem apologia ao crime, mesmo que de forma velada. A arte é uma ferramenta muito boa para colaborar com a evolução do espírito, da inteligência. Como qualquer cidadão brasileiro que ama seu País e deseja seu desenvolvimento, vibro sempre com a PF “botando ordem no barraco”. Um país sem autoridade, onde o vale-tudo impera, tende ao esvaziamento, à crise, de forma similar ao que ocorre na arte contemporânea.

A arte é um espaço de liberdade, de expressão e, como cidadão que ama a liberdade e a inteligência, acho que as autoridades podem colaborar com a arte e a cultura, a restauração e a preservação do belo patrimônio artístico brasileiro.

Para saber mais sobre a obra do artista, visite www.sergioprata.com.br